

Contemporaneidade e temporalidade na cultura digital (trans)midiática: (re)atualizações sonoras em *Stranger Things*

Felipe Parra

Docente da Uniso e da Unip Sorocaba
Doutor em Ciências da Comunicação pela USP
Graduação e Mestrado em Comunicação pela Uniso
E-mail: parra.profissional@gmail.com

Recebido: 01 ago. 2025

Aprovado: 28 out. 2025

Resumo: Este texto propõe uma discussão sobre o tempo no ciberespaço a partir de músicas presentes na série *Stranger Things* (2022). A metodologia consiste em observação, descrição e discussão das instabilidades observadas na cultura digital. Conceitualmente, os *estudos contemporâneos* orientam as reflexões propostas ao possibilitar o diálogo entre os estudos culturais e as tecnologias emergentes. Portanto, a proposta destaca um olhar crítico, exploratório e flexível entre várias possibilidades investigativas para estudar a contemporaneidade e suas particularidades.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Cultura Digital. Produtos (Trans)Midiáticos. *Stranger Things*.

Abstract: This text proposes a discussion about time is configured in cyberspace through the songs featured in the series *Stranger Things* (2022). The methodology consists of observing, describing, and discussing the instabilities identified within digital culture. Conceptually, contemporary studies guide the proposed reflections by enabling dialogue between cultural studies and emerging technologies. Therefore, the proposal highlights a critical, exploratory, and flexible perspective among various investigative possibilities for studying contemporary society and its particularities.

Keywords: Contemporary Times. Digital Culture. (Trans)Media Products. *Stranger Things*.

Resumen: Este texto propone una discusión sobre el tiempo en el ciberespacio a partir de las canciones presentes en la serie *Stranger Things* (2022). La metodología consiste en observar, describir y discutir las instabilidades identificadas en la cultura digital. Conceptualmente, los estudios contemporáneos orientan las reflexiones propuestas al posibilitar el diálogo entre los estudios culturales y las tecnologías emergentes. Por lo tanto, la propuesta destaca una perspectiva crítica, exploratoria y flexible entre las diversas posibilidades de investigación para el estudio de la sociedad contemporánea y sus particularidades.

Palabras clave: Contemporaneidad. Cultura Digital. Productos (Trans)Mediáticos. *Stranger Things*.

Introdução

Intrusão: o passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente.
Quintana (2013, p. 285)

A citação de Mario Quintana exibida na epígrafe evoca reflexões sobre como a temporalidade é sentida pelo ser humano. Por meio dos sentidos, o sujeito interage e percebe o mundo e suas variáveis de forma pessoal. Passado se torna presente por meio da memória, da saudade e da nostalgia. Diante disso, é possível afirmar que cada um experiencia o tempo de forma particular, distante da cronologia temporal imposta pelo sistema vigente. O relógio se torna um artefato obsoleto quando se experiencia a vida.

É importante ressaltar que o poeta paulistano já escrevia sobre tais conceitos muito antes do advento das tecnologias emergentes. Nesse sentido, os pensamentos expressados nas poesias não foram criados em um mundo pautado pela frenética atualização das informações. A sociedade (hiper)conectada era somente uma possibilidade remota, abordada em obras de ficção científica.

Com base na premissa, surge a pergunta: como o tempo, influenciado pela cultura digital, se (re)configura na contemporaneidade?

Diante da premissa, este artigo tem como objetivo averiguar, pelo campo da Comunicação e da Cultura, as noções de tempo, as características da sociedade (hiper)conectada e as instabilidades decorrentes do contato entre o ser humano e as tecnologias emergentes. Assim, sujeito, temporalidade, cultura digital e produtos (trans)midiáticos emergem como categorias discursivas a serem debatidas.

Para tanto, elencam-se *estudos contemporâneos* como percurso metodológico. A partir do diálogo entre estudos culturais e tecnologias emergentes, a proposta teórico-metodológica possibilita pensar acerca do tempo e do ciberespaço no cotidiano vigente. Por meio da relação de conceitos exibidos por autores como Caio Adorno Vassão (2010), Edgar Morin (2013), Giorgio Agamben (2009), Hans Ulrich Gumbrecht (2010), Henri Bergson (2020), Jesús Martín-Barbero (2013), Mario Perniola (1993), Marshall McLuhan (1975), Néstor García Canclini (2008), Norval Baitello Junior (2012), Peter Pál Pelbart (2013, 2015), Santo Agostinho (1984), Stuart Hall (2005) e Wilton Garcia (2007, 2015a, 2015b), há a possibilidade de produzir conhecimento acerca da temática.

Ao observar, descrever e discutir as dinâmicas que emanam do objeto de estudo e do contexto que ele se encontra, torna-se viável pesquisar as novas práticas socioculturais que surgem com o advento da internet. Esse foco possibilita se aprofundar em como a mediação das relações humanas por meio das tecnologias emergentes podem influenciar nossas percepções, sensibilidades e subjetividades.

O *corpus* da pesquisa é composto pelas músicas “*Running Up That Hill (A Deal with God)*” (1985), da cantora e compositora Kate Bush, e “*Master of Puppets*” (1986), da banda Metallica, ambas (re)apropriadas na 4º temporada da série *Stranger Things* (2022). A escolha dessas canções se justifica pela forma como são inseridas na narrativa audiovisual. A obras atuam não apenas como trilha sonora, mas como elementos simbólicos que conectam memória, experiência e projeções futuras. A (re)aparição dessas canções dos anos 1980 em um produto (trans)midiático evidencia como a cultura digital (res)significa o tempo e (re)ativa afetos. Tal dinâmica gera um diálogo entre gerações e revela os modos pelos quais a mídia atual revisita o passado para construir outras/novas sensibilidades.

Concluídas as anotações iniciais, o texto está dividido em três tópicos: Contemporaneidade e *estudos contemporâneos*; Entre subjetividade e cultura digital: a experiência do tempo; e Reapropriação musical na quarta temporada de *Stranger Things*, no intuito de oferecer uma leitura acessível e coerente a quem puder interessar. Assim, conceitos, reflexões e exemplos são exibidos de forma clara e objetiva.

Contemporaneidade e estudos contemporâneos

Com intuito de apresentar argumentações para se aprofundar na temática, apresenta-se a perspectiva de pesquisadores, filósofos e pensadores sobre a contemporaneidade. Na revisão bibliográfica, é possível verificar algumas perspectivas relacionadas ao tempo, adotadas para lidar com as instabilidades atuais. Tal atitude auxilia na proposição de uma linha de pensamento coerente com embasamento teórico.

Nesse esforço, Garcia (2015a, 2015b) conceitua o contemporâneo como lugar inacabado, deslocado, efêmero, inconstante e em fluxo: um local efervescente pautado pela variabilidade das coisas no mundo. A pluralidade de ideias e pensamentos em constante mutação torna a contemporaneidade um ambiente composto por elementos que se hibridam e imbricam.

Assim, o autor percebe que o contemporâneo está marcado por ideias em contínua mutação. Um ambiente que se caracteriza pela frenética velocidade imposta pelas tecnologias emergentes. Garcia (2007, p. 174) pondera que “[...] no contemporâneo, as coisas alteram-se sem necessariamente operacionalizar uma síntese teórica. Não pode mais haver só um ponto de vista exclusivo, fixo. Tudo é agenciável, negociável. Nada de esgotamento”. Com o advento de ambiências digitais, a pluralidade de informações em constante mutação faz com que qualquer tentativa de sintetizar as dinâmicas atuais em uma totalidade torna-se obsoleta rapidamente.

O autor pondera que,

[...] mais que indicar uma questão temporal, a ideia de contemporâneo domina um território de reflexões e desafios, (re)visitados, (re)lidos e (re)atualizados. O contemporâneo destaca enfrentamentos que circunstam para além do fator temporal a ser agraciado por sua própria conceituação, isto é, uma noção muito além do cronológico, que não exprime apenas o agora, o hoje. As diretrizes de espaço-tempo, no entanto, auxiliam na contextualização e localização de sujeitos, objetos e suas representações. Uma efervescente passagem da ação diacrônica (marcada pela condição espacial: relacional e simultaneidade). Ambos transversalizam e inscrevem a localização do objeto (Garcia, 2015a, p.57).

Ao comparar a visão de Garcia com a de Agamben (2009), constata-se que o conceito proposto por Garcia (2007, 2015a, 2015b) considera outras variáveis além do espaço-tempo. As categorias atualização/inovação relevam as instabilidades entre informações, ideias e opiniões presentes na atualidade, pois o contemporâneo está cada vez mais impregnado de subjetividade (Pelbart, 2013), pela construção plural de um mundo múltiplo, variável, em constante mutação (Vassão, 2010). A participação ativa das pessoas que usufruem das tecnologias emergentes no processo comunicacional torna-se relevante para a concepção de diversos e distintos olhares que compõem a atualidade. Mediante a utilização de aparelhos digitais, o sujeito contemporâneo produz percepções pessoais acerca de questões sociais, culturais e políticas. Esse processo expande as instabilidades presentes no cotidiano. Da multiplicidade de opiniões e considerações surgem os conceitos propostos por Pelbart (2013) e Vassão (2010).

Ao se debruçar sobre a temporalidade nesta proposta teórico-metodológica, percebe-se que o tempo se torna instável, pois o passado não está encerrado. Ele (re)surge, é (re)interpretado, (re)apropriado e (re)configurado constantemente. O presente é instável, efêmero e múltiplo. Não há uma verdade fixa, mas uma miríade de perspectivas que se entrelaçam. O futuro não é uma projeção distante, mas algo que já se insinua nas práticas socioculturais, desejos e imaginários do presente.

Pelbart (2013, 2015) reforça tais pensamentos ao afirmar que as mutações subjetivas e coletivas alteram definições e conceitos arraigados na sociedade. O que era cotidiano transforma-se em intolerável e o inimaginável torna-se, mais do que plausível, desejável. Novos pensamentos sobre questões culturais, sociais e políticas apresentam-se a partir do encontro entre sujeito e tecnologias emergentes. Das inquietações geradas, tabus podem ser quebrados e/ou agenciados para atender às novas necessidades do sujeito afetado pelo cruzamento de tantas culturas (Canclini, 2008).

Da observação desse contexto, Garcia (2007) propõe um pensar flexível e dinâmico que considera as variantes presentes no cotidiano e, simultaneamente, sutura conceitos de diversas áreas do saber, na expectativa de ampliar o olhar investigativo das instabilidades atuais, denominados *estudos contemporâneos*.

[...] é como pensar o percurso criativo da arte à moda, da comunicação ao design, da arquitetura à engenharia em uma (dis)junção interdisciplinar que desloca a idéia em produto, uma vez que investigo estratégias discursivas articuladas e evidenciadas no contemporâneo (Garcia, 2007, p. 174).

Da busca por uma solução criativa para lidar com tais variantes, o pesquisador propõe os *estudos contemporâneos*, na tentativa de conceituar as dinâmicas por uma perspectiva maleável, que releve particularidades presentes na atualidade. A proposta atenta-se, pela ótica da Comunicação e Cultura, em perceber as dinâmicas que emergem da cultura digital recorrentes no cotidiano e, simultaneamente, considerar suas instabilidades. Entre tais variáveis, pode-se elencar a temporalidade como elemento. Portanto, por meio dessa proposta, é possível redimensionar as temporalidades observadas no contexto vigente.

Estrategicamente, os *estudos contemporâneos* guiam-se por sensações e efeitos que derivam do objeto/contexto observado. Quando se adotam os *estudos contemporâneos* como percurso teórico-metodológico, aceita-se que as leituras sobre o mundo derivam em múltiplas resultantes.

De acordo com Deleuze e Guattari, Pelbart (2013, p. 279, grifo do autor) salienta que “[...] não é um *saber sobre*, pois se segue exatamente aquilo que escapa, na medida em que se escapa, donde a designação de linha de fuga [...] à área de permanência, de modo que ela não foge por completo, nem desmacha o território”. Isto é, a tentativa de apreender dinâmicas pelos significados deixa escapar certas sutilezas em efervescência. A perspectiva de compreender as transformações contemporâneas perde potência ao se desconsiderarem as nuances, que quase se dissipam completamente. Em outros termos, o olhar científico que se

guias pelos três pilares da certeza (Morin, 2013) pode ignorar vestígios e ambiguidades provenientes das instabilidades que emanam do objeto de estudo. Isso implica verificar a contemporaneidade por uma perspectiva que não se aprofunde teoricamente o suficiente para lidar com o que se observa. Ou seja, tentar apreender as variantes pesquisadas em um significado imutável consiste em abordar a temática estudada de forma superficial. Isso implica na produção de conhecimentos incompatíveis com a realidade.

Gumbrecht (2010) comenta que o contato humano com o mundo se caracteriza pela oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido. O sujeito percebe as coisas por meio da tensão entre esses campos semânticos. A partir do encontro, obtém-se uma experiência estética, e originam-se do processo impressões pessoais. Esses elementos são efêmeros, nunca podem ser estabilizados e variam conforme as situações mudam. Ao se atentar para partes específicas da oscilação, sutis nuances não são percebidas.

Garcia (2015b, p. 13) enfatiza: “[...] isso remete à noção de contemporâneo, uma vez que o tempo não seria a única variante (precisa) para pontuar a qualidade da representação das coisas no mundo”. Nesse sentido, percebe-se que, assim como o tempo, tais elementos podem ser variáveis para mensurar os acontecimentos que ocorrem no plano vivido. Em outras palavras, devido às limitações humanas, o sujeito extrai uma experiência estética própria da instabilidade. Esse processo marca um evento que pode ser avaliado sem a necessidade de uma escala temporal.

Contudo, mesmo com uma relação intrínseca entre os componentes de presença e sentido,

[...] as duas dimensões nunca chegarão a transformar-se numa estrutura estável de complementaridade, então é preciso entender que não só é desnecessário, como é analiticamente contraproducente tentar desenvolver uma combinação, um metaconceito complexo que unifique definições semióticas e definições não semióticas do signo (Gumbrecht, 2010, p. 139).

Com base na citação, nota-se que pelo fato de os elementos estarem em constante conflito, a fusão dos componentes por meio de uma definição gera resultados contraditórios. Unificar dimensões divergentes em um significado destoa o intrincamento observado. Assim, é possível supor que qualquer esforço para definir as tensões entre os campos semânticos será inconsistente. Ou seja, tentar apreender as dinâmicas em um significado torna-se desnecessária.

Aqui os conceitos de Gumbrecht (2010) e Pelbart (2013) convergem para uma quase mesma sensação: torna-se impossível reter qualquer expectativa de totalidade nos conteúdos

que emanam dos objetos estudados pela ciência. Cada pesquisador os enxerga de forma diferente, e por meio da investigação, pode contribuir com um ponto de vista pessoal. A pluralidade de olhares científicos auxilia na verificação das instabilidades e, consequentemente, contribui para a produção de conhecimento.

Na tentativa de abarcar as nuances quase imperceptíveis, os *estudos contemporâneos* orientam-se pelas sensações obtidas ao experienciar as variáveis pesquisadas. A subjetividade torna-se ferramenta para pensar sobre as instabilidades contemporâneas por meio das impressões. A utilização da percepção intuitiva propicia ao pesquisador a oportunidade de experienciar as transformações que são estudadas/observadas. O ensaio intrínseco entre pesquisador e objeto de estudo fornece uma visão privilegiada das dinâmicas em questão: a do observador imerso no contexto em que estuda. Por meio da experiência, podem ser sentidas as nuances e temporalidades presentes no cotidiano.

Fazer pesquisa por meio dos *estudos contemporâneos* implica abordar uma visão momentânea de dinâmicas relacionadas às Ciências Humanas, e simultaneamente, estar ciente da presença de olhares distintos que podem observar o mesmo objeto de perspectivas diversas. Independentemente do posicionamento teórico, qualquer empenho autêntico e aplicado em dissertar sobre as instabilidades do mundo torna-se relevante para o campo contemporâneo da Comunicação e Cultura. Para tentar superar as dificuldades em redimensionar tais mudanças, “[...] deve-se evocar um número maior de representações, modelos e ontologias” (Vassão, 2010, p. 44). Isso requer considerar o esforço intelectual dos pesquisadores. Conceitos criativos e inovadores são propostos na tentativa de verificar as nuances (entre elas, a temporalidade) presentes em um mundo pautado cada vez mais pelas tecnologias emergentes.

Entre subjetividade e cultura digital: a experiência do tempo

Para dar segmento as argumentações referentes a como a temporalidade se apresenta na sociedade (hiper)conectada, opta-se em se debruçar sobre as propostas de três pensadores que ponderaram sobre o tema: Santo Agostinho, Jésus Martín-Barbero e Henri Bergson. Dessa maneira é possível criar paralelos e se aprofundar na temática proposta nesta escrita.

Ao pensar sobre a temporalidade, Santo Agostinho sustenta a ideia que o tempo não é algo que existe fora de nós. É uma experiência subjetiva do ser humano. Quando narramos o passado, não é o passado em si, mas sim lembranças de experiências anteriores. Ao pensar no futuro, não é o futuro em si, mas uma premeditação de atitudes, uma projeção de práticas que

podem ocorrer no plano vivido. Tais instâncias são percepções individuais que acontecem invariavelmente no presente. De acordo com o teólogo-filósofo:

Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes e o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a esperança. (Agostinho, 1984, p. 323).

Para o autor, esses três tempos são subjetividades concebidas pelos sujeitos que compõem a sociedade. Assim, o passado existe como recordação, o futuro corresponde a expectativas e o presente é onde realmente ocorre a vida e, consequentemente, onde é possível que tais temporalidades aconteçam.

A partir dessa lógica, nota-se que o tempo se torna instável, pois passado, presente e futuro se imbricam de acordo com as experiências pessoais de cada um. Aliado a isso, nota-se que cada ser humano possui uma consciência, uma singularidade, uma subjetividade. Tal premissa evoca a multiplicidade de perspectivas e a impossibilidade de uma verdade absoluta.

Mesmo separados por séculos, há a possibilidade de suturar conceitos apresentados por Santo Agostinho e Jesús Martín-Barbero (2013). Ao estudar as mediações como elementos que intermedian, transformam e (re)configuram a relação entre os meios e as pessoas, o pesquisador da comunicação propõe romper com uma concepção linear e determinista do tempo histórico e comunicacional. Uma visão típica da modernidade e do pensamento técnico-industrial. Ele critica a ideia de que os meios de comunicação seriam apenas extensões tecnológicas do tempo pautado pelo relógio (progressivo, evolutivo, cronológico).

Em vez disso, o autor observa temporalidades múltiplas e heterogêneas, que coexistem. A afirmação adquire potência ao verificar o tempo das festas. Tal evento opera como marco que baliza as sensações e a temporalidade social das culturas populares, um fluxo temporal denso, carregado de elementos cílicos, simbólicos e afetivos que é vivenciado de forma coletiva. Essa maneira distinta de experienciar o tempo está distante da lógica do tempo institucionalizado. Assim, as festas não apenas marcam o calendário, mas estruturam a experiência social do tempo. É a temporalidade repleta de subjetividade. Nessa perspectiva, esse tempo festivo é vivido com rupturas e suspensões da rotina e está profundamente ligado à memória, à identidade e as práticas socioculturais. Um local onde as mediações se articulam em distintas temporalidades sociais. Assim, o tempo não é único nem linear. O popular, o tradicional e o moderno convivem em constante tensão e (re)configuração. Portanto, o tempo

das festas é uma valorização da experiência vivida, marcada por memórias, sensações, afetos e subjetividade.

Ao verificar as reflexões desenvolvidas pelos pensadores, nota-se que as duas perspectivas enfatizam as vivências do ser humano. A convergência está na crítica à linearidade. O tempo não é contínuo e evolutivo, é uma experiência subjetiva que pode ser realizada coletivamente, onde a memória, a atenção e a expectativa coexistem. A consciência articula múltiplas temporalidades e desenvolve valores que emergem das sensações vividas.

A partir dessa premissa, pode-se considerar a ruptura da temporalidade em Martín-Barbero como uma versão contemporânea, cultural e comunicacional da ideia agostiniana. Ambos os conceitos reconhecem que a temporalidade não é algo externo e contínuo, mas uma dimensão repleta de percepções humanas. O tempo é vivido, (re)construído, (re)interpretado, (re)significado e não simplesmente medido. Se Santo Agostinho propõem que a memória, a atenção e a expectativa coexistem ao mesmo tempo, Martín-Barbero observa as múltiplas temporalidades sociais que atravessam as mediações comunicativas. Em ambos os casos, há uma recusa do tempo linear e cronológico em favor de uma fluidez temporal, onde a experiência subjetiva baseada em sensações se destaca como elemento central.

Tais argumentações também exibem aproximações com o conceito de duração de Henri Bergson (2020). Para o filósofo e diplomata, o tempo vivido pelo ser humano não é dividido em séculos, décadas, anos, dias, horas, minutos ou segundos, essa concepção é uma abstração espacial útil para sistemas econômicos, sociais, políticos, educacionais etc., porém, é incapaz de capturar as vivências da consciência. Nesse contexto, a duração é a temporalidade experienciada pelo sujeito de forma subjetiva, contínua e qualitativa. Nós não vivemos o tempo como uma linha cronológica, mas como uma experiência carregada de transformações, continuidades, memórias e criações que se (re)configuram e se acumulam. Assim, a duração é uma oposição ao tempo matemático e cronológico.

As considerações aqui apresentadas possuem ligações com a temporalidade instável presente na contemporaneidade descrita por Garcia (2007, 2015a, 2015b), Pelbart (2013, 2015) e Vassão (2010). Ou seja, por meio da subjetividade, o sujeito vive uma experiência estética onde a escala temporal progressiva é dispensável. Portanto, a questão do tempo, neste contexto, possui caráter contínuo e em permanente fluidez e (re)construção.

Simultaneamente a tais reflexões, Marshall McLuhan (1975) aponta para o fato das mídias como extensões do corpo humano. O filósofo e teórico da comunicação considera que cada meio amplia uma capacidade sensorial ou cognitiva do ser humano. Assim, o rádio

amplifica a audição, a televisão e o cinema expandem a visão, e assim por diante. Dessa forma, as tecnologias não apenas veiculam mensagens, mas reconfiguram a percepção, a experiência e a própria estrutura da sociedade.

Com base em tais argumentações, pode-se constatar que, na contemporaneidade, as tecnologias emergentes podem ser vistas como extensão da mente e, consequentemente, da subjetividade. Por meio de celulares, tablets e computadores, os sujeitos que usufruem dessas ferramentas postam uma miríade de impressões pessoais na internet (redes sociais, sites, blogs, fóruns, comunidades online etc.). Isso se manifesta ao verificar a criação de perfis, narrativas e avatares que podem refletir nossas identidades (Hall, 2005). Os conteúdos compartilhados criam um mosaico (trans)midiático de percepções sobre o mundo que permitem que pessoas com mesmos desejos, medos, felicidades e frustrações se encontrem nesses ambientes digitais.

Ao observar o arcabouço intelectual aqui descrito, pode-se deduzir que a temporalidade na rede mundial de computadores é instável, pois as pessoas que se conectam a ele o saturam de subjetividade. Nesse cenário, passado, presente e futuro coexistem em uma constante sobreposição de experiências, sendo continuamente (re)configuradas por quem interage nesse ambiente. As memórias, informações e conteúdos compartilhados não permanecem estáticos, mas são (re)atualizados e (re)interpretados. Isso cria uma temporalidade não linear própria da cultura digital contemporânea. Dessa forma, a experiência digital não apenas regista a subjetividade, mas também a modula e projeta em múltiplas instâncias temporais, evidenciando a instabilidade e a fluidez do tempo na internet.

Reapropriação musical na 4º temporada de *Stranger Things*

A 4º temporada da série *Stranger Things* (2022) tem se destacado por sua utilização de músicas dos anos 1980, que são (re)contextualizadas em novas narrativas. Esse processo produz efeitos de nostalgia, estranhamento e (re)atualização estética. Dentre as canções mais emblemáticas, destacam-se *Running Up That Hill (A Deal with God)* (1985), da cantora e compositora Kate Bush e *Master of Puppets* (1986), da banda Metallica. Essas músicas exemplificam as múltiplas temporalidades presentes no contemporâneo.

Lançada originalmente em 1985, *Running Up That Hill (A Deal with God)* obteve uma (re)leitura quase quatro décadas depois. Tal processo fez com que a faixa se tornasse novamente um fenômeno global ao ser incorporada em uma narrativa audiovisual digital. A (re)aparição dessa obra evidencia o modo como o passado (res)surge de forma (re)interpretada e

(re)configurada. Além disso, a canção ultrapassa a narrativa (trans)midiática e se projeta no cotidiano das pessoas por meio das plataformas digitais. A difusão da obra em redes sociais e (re)mixes revela como a subjetividade, mediada pelas tecnologias emergentes, se torna pública. O ato íntimo de ouvir a música se transforma em experiência compartilhada, atravessada por impressões pessoais no ambiente digital.

Associada à personagem Max, a composição de Bush atua como elo entre o individual e o coletivo. Dessa forma, a canção funciona como refúgio emocional para o público. A trilha sonora deixa de ser apenas elemento técnico/estético e se transforma em acontecimento sensível para quem se identifica com os desejos, medos, felicidades, angústias e frustrações vivenciados pela figura ficcional. Isso cria vínculos (Baitello Junior, 2012) e amplia a presença da subjetividade no espaço digital.

Ao abordar o modo de sentir ocidental, Perniola (1993, p. 11) diz que, na contemporaneidade, o “[...] campo estratégico não é cognitivo, nem prático, mas do sentir, o da *aisthesis*”¹⁵. Ao estudar a visão do filósofo italiano, identifica-se que a potência atual está no sensível e no afetivo. Se o mundo se transforma de forma frenética e fluída, as tentativas de redimensionar suas inúmeras variáveis por meio da razão e da prática podem não acompanhar a velocidade com que as coisas mudam. Resta, então, guiar-se pelas sensações e impressões produzidas pelo contato com as instabilidades do cotidiano no plano vivido. Assim, o modo de sentir que se molda por imposições de valores torna-se impessoal, anônimo e socializado. Para distanciar-se do cenário que se apresenta, o filósofo propõe reivindicar o direito de um sentir interior, subjetivo, pessoal e particular.

Esse sentir faz com que as pessoas que usufruem das tecnologias emergentes sejam impactadas pela produção audiovisual e seus elementos (Baitello Junior, 2012). Dessa forma, desenvolvem-se afetos, sensibilidades e subjetividades que remetem à personagem Max por intermédio da canção de Bush. Destarte, a proposta de Perniola (1993) pode ser encarada como uma via de (re)conexão entre os que assistiram *Stranger Things* (2022) e as experiências sensíveis mediadas pela por produtos (trans)midiáticos da cultura digital (séries, filmes, *e-books*, jogos digitais etc.). Tal processo abre novas/outras formas de perceber e habitar o mundo contemporâneo.

Por meio do sentir, também é possível verificar a natureza mutável da contemporaneidade. A cada (re)produção ou (re)apropriação da faixa, o tempo se dobra sobre si mesmo e novas subjetividades emergem. Aqui, o futuro da temporalidade se manifesta como aberto e não linear. Cada (re)emergência (trans)midiática cria possibilidades de

(re)interpretação e circulação cultural, em constante atualização. O tempo se desenvolve na interseção entre memórias passadas, vivências presentes e projeções sensíveis futuras quando o ser humano entra em contato com “*Running Up That Hill (A Deal with God)*”.

Tal argumentação ganha potencialidade ao verificar que diversas temporalidades se tornam evidentes quando novas gerações demonstram identificação com uma música lançada em 1985, apesar de não terem vivenciado seu contexto original. Na cultura digital, passado, presente e futuro se entrelaçam. A memória coletiva é constantemente (re)editada pelas tecnologias emergentes. Portanto, a nostalgia não é mero retorno ao passado, mas atualização afetiva e estética. Esse processo cria novas formas de sensibilidade a partir de um produto (trans)midiático de outra época.

O mesmo ocorre com a música “*Master of Puppets*”, da banda Metallica. A canção é mantida em sua versão original, mas é (re)introduzida em um novo contexto narrativo (trans)midiático. A cena em que o personagem Eddie Munson toca a composição ultrapassa a ficção e se torna um acontecimento cultural. Assim, a cena une passado e presente por meio da mediação da canção. A performance do personagem representa um momento de presença intensa (Gumbrecht, 2010), em que som, corpo e imagem se fundem em uma performance sensorial e emocional. O gesto de tocar guitarra torna-se metáfora de resistência contra o mal e expressão pessoal. A atitude rebelde transforma o *thrash metal*ⁱⁱ em linguagem afetiva. O sujeito não apenas assiste, mas vivencia a cena em sua dimensão sensível (Perniola, 1993). Há uma experiência expandida que exemplifica a força contemporânea da sensibilidade e o predomínio das sensações sobre a racionalidade discursiva. Essa imersão estética evidencia que o sentir é uma maneira de perceber o mundo e de produzir subjetividades no contexto contemporâneo.

Nas redes, a música ganhou nova vida: usuários (re)produziram, (re)mixaram e (re)interpretaram a cena. Dessa forma, a obra se torna sinônimo de coragem e autenticidade. O conteúdo, ao circular digitalmente, se desprende da narrativa original e passa a integrar uma rede coletiva de afetos e memórias. A composição torna-se elemento de mediação afetiva. Isso permite que novas gerações (re)configurem o passado em seu próprio tempo.

Essa (re)apropriação evidencia a coexistência de múltiplas temporalidades. Uma canção de 1986, inserida em uma série ambientada nos anos 1980 é (re)interpretada por espectadores do século XXI. Essa constante (re)atualização do passado faz com que cada (re)emergência (trans)midiática gere novas camadas de sensibilidades e subjetividades. O tempo deixa de ser progressivo e se torna campo de sobreposições, em que produtos (trans)midiáticos online

(re)editam continuamente a memória sonora do passado, influenciam as vivências no presente e, consequentemente, articulam possíveis práticas socioculturais futuras.

Como “*Running Up That Hill (A Deal with God)*”, a (re)apropriação feita em “*Master of Puppets*” evidencia a instabilidade temporal e a pluralidade de subjetividades produzidas pelo contato com a cultura digital. Ambas as composições demonstram que o tempo contemporâneo é um espaço vibrante de (re)atualizações. Neste contexto, a música funciona como ponte entre memórias, experiências, percepções e tecnologias emergentes.

Considerações finais

Os argumentos abordados nesta escrita auxiliam a perceber o modo de viver na contemporaneidade. A cultura e a temporalidade no ambiente digital mostram-se cada vez mais dinâmicas e híbridas por influência das tecnologias emergentes. Concomitantemente, a internet e suas ambiências apresentam-se como instrumento para a abrangente difusão de diferentes subjetividades e percepções que compõem a sociedade conectada ao ciberespaço.

A vivência a partir do contato com conteúdos (trans)midiáticos digitais pode auxiliar na verificação de como são as instabilidades que emergem da/na sociedade contemporânea. Ao experienciar as dinâmicas presentes no cotidiano e nas obras difundidas pelo ciberespaço, o pesquisador desenvolve impressões acerca do fato. Da investigação prática e do embasamento teórico, é possível propor um estudo a respeito do que se observa no cotidiano. Aliado a um embasamento teórico, as sensações causadas pela experiência podem auxiliar a produção de uma pesquisa compatível com as nuances encontradas na contemporaneidade.

Ao observar a série *Stranger Things* (2022), nota-se que há outros elementos integrantes da narrativa que podem ser estudados para debater sobre o tempo na atualidade. Figurino, ambientação, cenário, referências a outras obras, brinquedos e jogos lançados na década de 1980 são alguns componentes que podem ser úteis para investigar a temática proposta.

Também é possível verificar que a série se apropria de outras músicas lançadas em décadas passadas. Canções de compositores e bandas como Toto, The Clash, David Bowie, Madonna, Journey e Deep Purple se destacam como objetos de estudo que podem constituir o corpus de uma pesquisa no campo contemporâneo da Comunicação e da Cultura. Contudo, os exemplos escolhidos para compor essa escrita exibem de forma eficaz a instabilidade do tempo no contexto em vigor.

Simultaneamente a isso, verifica-se a eficiência dos *estudos contemporâneos* em lidar com tais instabilidades. Considerar o tempo como variante fluída auxilia na verificação de como são as relações entre ser humano, sociedade, produtos (trans)midiáticos e cultural digital. Vale ressaltar que o texto não pretende enaltecer esse percurso teórico metodológico como único caminho para se fazer uma pesquisa científica na atualidade. As resultantes obtidas a partir desse exercício teórico metodológico são frutos de um olhar efêmero. Tal perspectiva se dissipa diante das constantes mutações presentes na atualidade. O objetivo é investigar, por intermédio de uma estratégia crítico-discursiva, dinâmicas atuais que emergem de um determinado objeto de estudo. Assim, por meio da observação, da descrição e da discussão, é viável dissertar sobre as práticas socioculturais que permeiam a sociedade. Esse posicionamento faz sentido, pois, se as coisas estão em contínua transformação, qualquer resultado concludente torna-se rapidamente obsoleto. Diante disso, as ideias precisam ser (re)aplicadas, (re)atualizadas e (re)interpeladas, conforme surgem novas instabilidades e mudanças. Portanto, a proposta destaca um olhar crítico, exploratório e flexível entre várias possibilidades investigativas para estudar a contemporaneidade e suas particularidades.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Porto Alegre: Unisinos, 2012.
- BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. São Paulo: EDIPRO, 2020.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GARCIA, W. Fazer ciência: o lugar do conceito. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 171-182, 2007.
- GARCIA, W. Gesto contemporâneo no processo de ensino-aprendizagem digital. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 41, n. 1, p. 11-24, 2015a.
- GARCIA, W. Pensar o consumo tecnológico. In: HANNS, Daniela Kutschat; GARCIA, Wilton. **#consumo_tecnológico**. São Paulo: Hagrado, 2015b. p. 47-99.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MASTER of Puppets. Intérprete: Metallica. Compositores: James Hetfield, Lars Ulrich, Cliff Burton. In: Master of Puppets. Intérprete: Metallica. [S. l.]: Elektra, 1986. 1 disco vinil, faixa 2.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2013.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PELBART, P. P. What is the contemporary? **Afterall**, Londres, n. 39, p. 4-13, 2015.

Disponível em:

<http://www.afterall.org/2015/04/15/Peter_Pal_Pelbart_What_Is_the_Contemporary_Afterall_39.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

PERNIOLA, M. **Do sentir**. Lisboa: Presença, 1993.

QUINTANA, Mário. **Caderno H** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Disponível em: chrome-

extension://efaidnbmnnibpcapcglclefindmkaj/https://osaberdigital.com.br/wp-content/uploads/2024/11/Caderno-H-Mario-Quintana.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

RUNNING Up That Hill (A Deal with God). Intérprete: Kate Bush. Compositora: Kate Bush. In: HOUNDS of Love. Intérprete: Kate Bush. [S. l.]: EMI, 1985. 1 disco vinil, faixa 1.

STRANGER Things. Temporada 4. Direção: The Duffer Brothers. Produção: 21 Laps Entertainment; Monkey Massacre. Distribuição: Netflix, 2022. Série de televisão via streaming (ca. 9 episódios, 42–142 min). Disponível em:
<https://www.netflix.com/title/80057281>. Acesso em: 19 out. 2025.

VASSÃO, C. A. **Metadesign**: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo: Blucher, 2010.

ⁱ Palavra proveniente do idioma grego correspondente à faculdade de sentir ou à produção de sentidos.

ⁱⁱ Subgênero do *heavy metal* que surgiu no início da década de 1980, marcado por um som rápido, agressivo e tecnicamente elaborado. Suas composições apresentam riffs de guitarra velozes, bateria intensa e vocais rasgados ou gritados. Bandas como Anthrax, Megadeth, Metallica e Slayer se consolidaram como as principais referências do estilo.